

# ANGÚSTIA, DE GRACILIANO RAMOS – A MEMÓRIA NA RELAÇÃO ENTRE O CAMPO E A CIDADE

Eloisy Oliveira Batista\*

**RESUMO:** Este estudo conta com o aporte da filosofia e da historiografia para discutir a transição do campo para a cidade em uma das obras mais representativas da literatura brasileira. Para tanto, será analisado o personagem-narrador, Luís da Silva, um homem que oscila entre o presente que se passa na cidade e a memória do tempo em que viveu no campo. Em “O Narrador”(1980), Walter Benjamin observa que os leitores jamais percebem a real eficácia do narrador, quando, na verdade, ele é a chave para a leitura de um romance. A análise que se segue aposta nessa tese.

**Palavras-chave:** Angústia, Tempo, Narrativa, Graciliano Ramos, Memória

Este estudo aposta na tese de Walter Benjamin que diz ser o narrador a chave para a leitura de um romance e procura investigar as principais inquietações de Luís da Silva, o narrador-personagem de *Angústia*, de Graciliano Ramos.

Luís da Silva começa sua narrativa trinta dias após se recuperar de um estado de delírio, embora admita não estar completamente restabelecido:

Das visões que me perseguiram naquelas noites compridas, umas sombras permanecem, sombras que se misturam à realidade e me produzem calafrios. (RAMOS, 2003: 7)

Essas palavras encontradas no primeiro parágrafo do romance sinalizam o modo como a realidade se coloca para esse narrador, ou seja, sempre mesclada às suas recordações. A ideia de sombra, um lugar de transição entre o claro e o escuro, funciona como imagem da oscilação do narrador entre o passado e o presente, entre o campo e a cidade e entre a reconstituição pela memória e a realidade.

Luís da Silva vive em tempo indeterminado, ou seja, transita entre dois períodos: o *passado* e o *presente*, sem se fixar em nenhum. Dessa forma, pertence a um tempo-lugar que não pode ser habitado por outras pessoas, e se torna um indivíduo solitário – por outro lado, essa solidão propicia a sua inadaptação ao presente e, conseqüentemente, as suas viagens pela memória:

Entro no quarto, procuro um refúgio no passado. Mas não me posso esconder inteiramente nele. Não sou o que eu era naquele tempo. Falta-me tranqüilidade, falta-me inocência, estou feito um molambo que a cidade puiu demais e sujou. (RAMOS, 2003, p.24)

O “passado” faz com que o narrador retorne ao período de sua infância, tempo em que ele viveu no campo; já o presente é o momento no qual ele se encontra durante a narrativa, quando ele vive na cidade. Esses polos temporais, (e, por conseguinte, espaciais) não apresentam a ideia de um eixo com polo positivo e outro com polo negativo, como poderia supor uma leitura desatenta: o modo como o narrador lida com eles é complexo e oscilante. Ele considera o passado um refúgio, mas sabe que esse tempo faz parte apenas da memória e que essa memória se constitui a partir de uma decepção com o presente:

Tenho-me esforçado por tornar-me criança – e em conseqüência misturo coisas atuais a coisas antigas. (RAMOS, 2003, p.96)

Viajar incessantemente entre vida presente e memória não resolve a angústia do narrador, pois o passado muitas vezes é tão ou mais áspero do que o presente – ele insiste nessa transição por completa inadaptação ao real. A oscilação entre dois tempos/espacos torna Luís da Silva um homem dividido, o que se nota também em sua forma de enxergar o mundo: ele vai compondo-o a partir de fragmentos. Portanto, esse romance apresenta a crise moderna da narrativa.

Benjamin, em “O Narrador”, afirma ter a narrativa chegado ao fim porque nós, modernos, perdemos a capacidade de contar histórias. A ampla divulgação do romance a partir do século XIX é, para esse autor, uma comprovação de sua tese, pois ele define a narrativa como um texto linear, que apresenta uma sequência temporal dos acontecimentos, para ser mais facilmente memorizada e recontada oralmente. Já o romance perde esse vínculo com a memória e representa a fragmentação, necessitando, portanto, do livro para existir.

O que Luís da Silva busca na viagem ao passado é a recomposição de uma integridade individual talvez jamais existente, e, conseqüentemente, a paz de espírito e o fim de sua incompatibilidade com o mundo. A tese II de Walter Benjamin (LÖWY 2005) “sobre o conceito de História” esclarece que o movimento de voltar ao passado carrega consigo um sentido, independentemente do que se encontra na chegada:

na representação da felicidade vibra conjuntamente, inalienável, a [representação] da redenção. Com a representação do passado, que a História toma por sua causa, passa-se o mesmo. O passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção. (LÖWY, 2005: 48)

O narrador de *Angústia* atribui a causa de seus males à sua vinda para a cidade, relacionando-a sempre ao presente. Embora ele tenha chegado a esse lugar “detestável” há vários anos, ou seja, embora a cidade também pertença historicamente ao seu passado, para Luís da Silva, ela não representa

a noção de passado redentor. Por isso, não é considerada como parte de sua memória “rememorada”

O romance estudado é apresentado em retrospectiva, a partir das recordações do narrador no período anterior ao presente, quando ele acaba de deixar um estado de delírio e alucinação. No entanto, observamos que ele faz referência também a uma memória anterior – sua infância – havendo, assim, uma espécie de narrativa da memória da memória, um movimento em cascata que demonstra a profundidade e a densidade da matéria do romance. O enredo não apresenta o interesse central – novamente coloca-se a questão de Benjamin quanto ao fim da narrativa –, mas se torna quase um pretexto para a exploração do passado em suas diversas possibilidades.

O presente é o contraponto, mas é importante observar que o presente da narração já é passado no momento da escrita, porém pode manter o seu estatuto de atualidade, especialmente por estar vinculado à cidade.

A cidade, em *Angústia*, é encarada como um organismo vivo capaz de agir sobre a dignidade das pessoas. No início do romance, Luís da Silva a descreve, ressaltando seus aspectos negativos. Ela é o ambiente determinante para a história que vai contar. Por outro lado, o campo também não é visto de modo completamente positivo, ou seja, o narrador não exalta as belezas naturais e nem valoriza o modo de vida em comunidade. Nesse tempo, o que lhe interessa é a sua constatação de que as pessoas não tinham conflitos internos como os que ele agora tem.

O fato de Luís da Silva detestar a cidade e, mesmo assim, ter um olhar crítico sobre a realidade do campo torna diferente a obra de Graciliano Ramos das dos autores regionalistas. Adolfo Casais Monteiro faz uma consideração importante sobre a relação desse autor com o campo:

Se, como entendo necessário, há que dar a ‘autor regionalista’ uma acepção perfeitamente concreta firmada no que há de comum entre quantos representam essa tendência, então

Graciliano Ramos é o anti-regionalista por excelência. O regionalismo identifica-se, de fato, com saudosismo, com o apego lamentoso a um passado cujo fim se chora, ou, então, a formas de vida ainda existentes, mas como remanescentes de uma época passada, e que se louvam para assim denegrir o presente. É, em suma, uma forma do culto do passado, e constitui, na literatura, uma das formas de negação do presente integrada nas tendências políticas e sociais que exaltam tudo quanto é 'tradicional'. O regionalismo vê tudo idílico no campo, para marcar o contraste com a perda de tradições da vida citadina: daqui a achar que aquele se identifica com a monarquia e o autoritarismo, este com a democracia e a liberdade, vai só um passo, freqüentemente dado pelos escritores que não vêem além do pequeno mundo rural que ainda conserva, no todo ou em parte, os costumes de outrora. (MONTEIRO, 1964: 271-272)

Benjamin trabalha com cuidado a transição da comunidade para a sociedade. Em linhas gerais, ele atribui à primeira a agricultura, as relações pessoais, a oralidade, a coletividade, o conselho, a memória e a narrativa. Características que estão totalmente concatenadas com o modo como Luís da Silva se refere ao seu passado: ele inclusive conta suas experiências da infância em forma de narrativas curtas.

À sociedade Benjamin atribui capitalismo, relações contratuais/impessoais, recordação, incomunicabilidade, solidão e o romance. São elementos que caracterizam a vida do narrador de *Angústia* no momento em que ele conta suas memórias, e não é contingente o fato de ele escrever um romance com esse propósito. Portanto, nesse caso, o narrador é um homem que vivenciou uma transição muito brusca de valores e isso se reflete no modo como lida com a sua vida, bem como no modo como a representa.

O acontecimento que marca o fim do tempo em que o narrador gozava de paz espiritual é a morte de seu pai: Luís da Silva tinha quatorze anos quando sua infância chegou ao fim:

Entro no quarto, procuro um refúgio no passado. Mas não me posso esconder inteiramente nele. Não sou o que eu era naquele tempo. Falta-me tranqüilidade, falta-me ino-

cência, estou feito um molambo que a cidade puiu demais e sujou. (RAMOS, 2003: 24)

Para Raymond Williams, a imagem do campo pertence ao passado e a imagem da cidade pertence ao futuro; logo, falta uma imagem que corresponda ao presente, que se configura como o momento de tensão. Luís da Silva tem consciência de não pertencer à cidade, onde só encontra solidão; porém sabe também que não pode retornar ao passado, mesmo que volte a viver no campo, pois a comunidade onde passou sua infância não existe mais. Assim sendo, só lhe resta fugir para a memória.

Williams afirma que a distância da “aldeia” faz com que o homem concentre em si os impulsos de comunidade e caridade. O isolamento, o silêncio e a solidão são os únicos veículos da natureza e da comunidade; a cidade se torna o inimigo fundamental, do qual Luís da Silva tenta, mas não pode fugir o tempo todo. Sendo um inadaptado, ele materializa seu sofrimento naquilo contra o que ele não pode lutar e do que não pode fugir. Conseqüentemente, ele busca o que sabe por experiência não ser mais possível alcançar, ou seja, a estabilidade de um mundo imóvel, afastado desse lugar em que se valoriza a velocidade, lugar que o prende no tempo presente. Enfim, Luís da Silva busca uma outra relação com o tempo, diferente da necessidade de aceleração que ele encontra na cidade. A certeza da decepção em sua busca corresponde ao título da obra, gera a sensação de angústia presente ao longo de todo o romance.

O narrador de *Angústia* quer escapar da cidade, da burguesia e mesmo do romance; mas essas “instituições” estão arraigadas à sua existência e o máximo que pode fazer é viajar através das narrativas que constantemente constrói baseado na época em que viveu no campo.

A cidade possui um único elemento que não é apresentado de modo hostil: o bonde, um objeto que representa a modernidade e propicia a viagem mental do narrador, trata-

se de um veículo real que o leva a viajar pela memória. Portanto, não se trata de uma incoerência do narrador; pelo contrário, reforça a necessidade que ele tem de deslocar-se.

No bonde, ele sempre viaja sozinho e seus devaneios aparecem no mesmo plano de suas observações da realidade. Os tempos cronológicos se misturam, aumentando a complexidade da situação em que vive o narrador. Isso é possível porque o tempo, para Luís da Silva, não obedece ao tempo mecânico. Esse meio de transporte representa não só a viagem mental, mas também a mudança de lugar no espaço. O que é significativo para um homem que afirma sentir falta da época em que era um viajante, quando não tinha um lugar fixo – seu estado no espaço coincidia com seu estado no tempo – e, portanto, não era tão grande o abismo entre seu interior e a realidade.

Segundo Williams, o sedentarismo forçado provoca toda uma mudança de mentalidade: há certa identificação com as pessoas com quem convivemos nos primeiros anos de vida, assim como um apego ao lugar onde vivenciamos esse momento. Isso é evidente em Luís da Silva, pois, mesmo que a comunidade na qual passou sua infância não apresente nenhum atrativo, é para lá que ele tenta voltar.

São poucos os personagens com quem o narrador tem algum tipo de convivência no presente narrativo. Dentre eles, Marina é certamente a mais significativa, pois é a principal razão pela qual o narrador sentiu necessidade de escrever; além de ser, em muitos momentos, o motivo de seus devaneios interiores. Ao narrar o dia em que a conheceu, Luís da Silva conta que estava lendo um romance embaixo da mangueira de seu quintal e sua leitura foi interrompida para que ele a observasse: ela era a nova moradora da casa da direita.

O fato de Luís da Silva ser um leitor de romances é mais um indício de sua solidão, pois, segundo Benjamin, o leitor de romances é mais solitário do que qualquer outro leitor, já que não dá voz às palavras do livro, mas se apodera delas com muito fervor na sua leitura particular.

Luís da Silva afirma que, quando conheceu Marina, passava por um período tranquilo, com os negócios estabilizados, tolerando bem as pessoas e sendo tolerado. Tiveram uma aproximação difícil no começo. Com trinta e cinco anos, ele só sabia ser funcionário público, era muito tímido e não conseguia se comportar bem com as mulheres; além disso, se considerava muito feio e Marina lhe pareceu uma garota muito jovem e bonita. Algum tempo depois, se tornaram amigos íntimos e deram início a um relacionamento nada romântico, pois não há nenhum tipo de exaltação ou idealização de sentimentos: num dia em que ela lhe pareceu mais atraente, ele a agarrou e depois se sentiu obrigado a falar-lhe em casamento, o que ela aceitou por conveniência. A obrigação do casamento e os gastos necessários para que ele ocorra representam os valores burgueses da cidade, que apenas colaboram para a sua infelicidade.

Luís da Silva gastou toda sua economia melhorando sua própria aparência e comprando o enxoval por exigência de Marina, à que ele cedia, pois ela representava um contato humano, fazendo com que ele se sentisse um pouco mais adaptado à realidade.

Porém, essa tranquilidade foi abalada quando, um dia em que chegou mais cedo do trabalho, encontrou a menina conversando com Julião Tavares, que da casa de Luís da Silva dirigia olhares comprometedores a Marina. Assim, a promessa burguesa de felicidade – o casamento – apresenta a dúvida quanto à fidelidade como seu lado reverso.

Julião Tavares é descrito por Luís da Silva como “um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor” (RAMOS, 2003: 52). Carlos Alberto dos Santos Abel, autor de uma biografia de Graciliano Ramos, observa que a gordura, em muitos casos, carrega em si um sentido negativo para os narradores nordestinos, pois, no meio em que vivem, a magreza é o natural e a gordura fica do lado pior da sociedade.



Dessa forma, comprova-se quanto esse autor é preciso na elaboração de seus personagens, especialmente em *Angústia*, obra na qual todos eles sofrem certa degradação, ou moral, ou estética, ou intelectual, ou social; o que é coerente, vindo de um narrador que vê a cidade como um ambiente capaz de corromper as pessoas.

Seu Ramalho, o pai de Marina, manteve os princípios da época em que vivia na comunidade. Quando Marina assumiu seu namoro com Julião, Dona Adélia, a mãe, foi submissa à situação; já seu marido evitava encontrar o pretendente a genro. Nas visitas de Julião à casa de Marina, seu Ramalho saía para o quintal e ficava conversando com Luís da Silva, ambos contavam histórias das quais se lembravam.

As histórias de seu Ramalho são baseadas em suas lembranças, enquanto Luís da Silva conta histórias a partir de suas recordações. Benjamin propõe uma oposição entre lembrança (do domínio da narrativa) e recordação (do domínio do romance) nos seguintes termos: a lembrança é uma retomada do passado o mais próximo possível do acontecido. Nela há o compromisso com a verdade; já a recordação refere-se a muitos acontecimentos dispersos, escolhidos em função do presente.

Luís da Silva, ao contar suas experiências, as recria, acrescentando-lhes detalhes que podem não ser “reais” ou terem passado despercebidos para quem também as vivenciou. Toda recordação depende do olhar no presente que se tem para o passado. Nas palavras de Michael Löwy:

A relação entre hoje e ontem não é unilateral: em um processo eminentemente dialético, o presente ilumina o passado, e o passado iluminado torna-se uma força no presente. (LÖWY, 2005: 61)

Descobrir a traição de Marina foi muito grave para o narrador, pois desaba a situação que o manteve por algum tempo em paz. Desde que começa a falar de seu relaciona-

mento com a menina, o narrador não intercala nenhuma viagem à memória, o que muda assim que Julião destrói sua ilusão de “felicidade” conjugal. Isso prova que a busca pelo passado se dá a partir de sua insatisfação com o presente. Nesse sentido, é interessante citar uma passagem da VI tese sobre o conceito de história de Benjamin:

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. (LÖWY, 2005: 65)

O trauma causado pela visão de sua futura mulher interessada por um homem que detesta e inveja configura-se como “instante de perigo” e, a partir desse momento, as viagens à memória se tornam novamente constantes.

Algum tempo depois de se ter afastado totalmente de Marina, Luís da Silva começou a reparar que na casa vizinha havia uma calma estranha, um grande silêncio e as visitas de Julião se tornavam raras. Foi nessa época que ele ouviu do banheiro de sua casa uma discussão entre Marina e sua mãe sobre a gravidez da menina.

O narrador ficou condoído da sorte das duas, pois acreditava que a culpa não era delas, mas sim de outros que as tinham tornado mulheres fracas e sem orgulho. Novamente ele constata que o inimigo é a cidade, ou aquilo contra o que não se pode lutar: a realidade. O fato de mãe e filha considerarem a situação como uma fatalidade, ignorando completamente a participação de Julião Tavares o irritou. Ele personifica essa realidade injusta no rival e Luís da Silva sente-se convicto de que Julião devia morrer:

*D. Adélia estava justificada: – ‘A senhora não nasceu assim. Era forte e bonita. Passou de carrapeta a bola de biliar. A senhora é um pedaço de pano sujo.’ Marina tinha sido julgada e absolvida. Provavelmente me deixei influenciar por leituras românticas. Esqueci que ela um ano antes invejava as meias de seda e os vestidos de d.*

*Mercedes. Agora tinha tudo: meias, vestidos, um filho no bucho, um filho que sairia gordo, bochechudo e safado, como o pai, como o avô, o Tavares dos Tavares & Cia., uns ratos.* (RAMOS, 2003: 173)

Ele passou a seguir Marina para ter certeza de que ela não se encontrava mais com Julião Tavares. Estava obcecado pela ideia de que, a qualquer momento, pudessem reatar o namoro. Nota-se que, em nenhum momento, o narrador fala em amor; suas obsessões não têm uma busca positiva, são frutos de uma angústia maior.

Numa de suas perseguições, ele descobriu que Marina fez um aborto. O ato não incomoda o narrador por questões éticas, mas sim porque, a partir de então, ela deixou de ser a menina viva e alegre que Luís da Silva conhecera. Marina cedeu, passou a andar de cabeça baixa, desanimada, enquanto o pai do feto morto continuava sua vida da mesma maneira.

Durante a sua narrativa, percebe-se que, depois que ele introduz Marina no enredo, a corda passou a ser um objeto fundamental até o fim do romance. Na maioria das vezes em que ela aparece, é o narrador quem a vê, ao compará-la a diversos objetos, como, por exemplo, a cerca, o cano, a gravata, os arames; sente-se amarrado, imagina uma corda no pescoço presa a uma pedra fazendo com que ele afunde. Tantas metáforas e comparações a partir de um mesmo objeto vão criando certo incômodo no leitor, que só vai lhe atribuir sentido quando chegar ao final do livro. Além disso, esse retorno ao mesmo objeto dá a sensação de uma leitura em círculos, que volta muitas vezes ao mesmo ponto, que não sai do lugar, e que intensifica a sensação de angústia.

Algum tempo depois da traição de Marina e Julião, Luís da Silva ganhou uma corda de seu Ivo, um amigo que aparecia em sua casa em busca de comida. Ele ficou apreensivo a princípio, não queria aceitá-la, mas acabou guardando-a em seu bolso.

Nesse mesmo período, passou a seguir Julião e, em uma das noites em que o acompanhava, não pôde conter seu desespero e sua raiva diante de um homem tão desprezível e aparentemente feliz: Luís da Silva o alcançou, o agarrou e colocou a corda em volta de seu pescoço. Julião tentou revidar, mas não adiantou. O narrador estava satisfeito, pois sua “obsessão iria desaparecer”

Há uma passagem no final do romance que demonstra ter havido uma espécie de descoberta por parte do narrador após matar Julião Tavares:

Tive um deslumbramento. O homenzinho da repartição e do jornal não era eu. Esta convicção afastou qualquer receio de perigo. Uma alegria enorme encheu-me. Pessoas que aparecessem ali seriam figurinhas insignificantes, todos os moradores da cidade eram figurinhas insignificantes. (RAMOS, 2003: 238)

Esse deslumbramento é a descoberta de sua riqueza interior. Cometer um crime, ou seja, infringir a lei, foi por um instante um meio de reconhecer a sua própria liberdade e dignidade; é uma maneira de se rebelar contra a cidade. Mas, mesmo nesse momento, a lembrança veio à tona, o que demonstra que nem por isso ele deixa de ser um passageiro da memória. Pouco depois do assassinato, sua mente volta a ficar perturbada.

O mundo interno de Luís da Silva interfere e modifica seu mundo externo e vice-versa. É muito importante entender essa relação como bilateral para a compreensão do livro. Mesmo quando ele foge para sua memória, carrega consigo o sofrimento do presente, pois não pode voltar a ser o que era naquele tempo.

Os pensamentos do narrador muitas vezes são de naturezas completamente distintas e se sobrepõem de tal forma que é impossível para o leitor recompô-los integralmente. No entanto, fazem total sentido dentro do romance e durante a

leitura; o fluxo de imagens que ele evoca se torna fundamental para a completude do livro, pois não são aleatórias. Pelo contrário, são imagens frequentes que se reorganizam em diversos momentos e em cada um deles carregadas de um sentido específico.

Luís da Silva reflete sobre seus devaneios e tem consciência de sua mente complicada. Sabe haver incompatibilidade entre o presente e o passado, mas não consegue se adaptar ao mundo. Ele tem consciência, mas não compreende sua situação; vislumbra sua existência, mas sua visão tanto do passado quanto do presente é fragmentada. A realidade e a memória se fundem, mesmo pertencendo a períodos tão distantes. Contar sua história demonstra a busca incessante do narrador pelo sentido de sua vida, Benjamin afirma que

Aqui 'sentido da vida' – ali 'moral da história': com estas senhas contrapõem-se romance e narrativa, e nelas pode-se ler o estatuto histórico totalmente distinto destas formas artísticas. (BENJAMIN, 1980: 68)

O narrador de *Angústia* não dá conselhos. Muito pelo contrário, ele dá indícios de como o homem moderno está perdido no mundo em que vive. Se vivesse no campo em que passou a infância, o narrador acredita que sua vida seria diferente, pois a vida em comunidade era mais simples para as pessoas, que não tinham tantos tormentos e inquietações interiores.

É esta a simplicidade e a tranquilidade com que Luís da Silva sonha ao querer fugir para a sua memória. Raymond Williams se refere a essa tentativa de voltar ao passado de uma maneira bastante interessante:

Assim, num presente vivenciado enquanto tensão, usamos o contraste entre campo e cidade para ratificar uma divisão e um conflito de impulsos ainda não resolvidos, que talvez fosse melhor encarar em seus próprios termos. (WILLIAMS, 1989: 397)

Luís da Silva termina o livro narrando os delírios mencionados nas páginas iniciais, pois ele começou a escrevê-lo a partir do fim de suas alucinações, quando ele efetivamente foge da realidade e fica preso em sua mente. Ele não consegue ser um homem comum; será sempre um viajante da memória para poder, através de suas viagens entre o passado e o presente, suportar sua vida.

## BIBLIOGRAFIA

- ABEL, Carlos A. dos Santos. *Graciliano Ramos: cidadão e artista*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Textos escolhidos/Walter Benjamin, Max Horkheimer, Teodor W. Adorno, Jürgen Habermas*; trad. José Lino Grünnewald... [et al]. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os Pensadores).
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (coleção tópicos).
- LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"* Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant, [trad. das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lutz Muller. – São Paulo: Boitempo, 2005.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. Graciliano Ramos. In: *O romance (teoria e crítica)*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1964.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 56. ed. Rio, São Paulo: Record, 2003.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.